

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: KGR 00 861

Data: 19.10.71

Pg.: \_\_\_\_\_

### COROADO QUER TERRA PARA PLANTAR FEIJÃO

Governador recebeu cacique em audiência

Os índios de Iraí são uma raça extinta e o chefe Aristides, que não tem "nome de mato", nem de longe consegue se assemelhar aos seus bravos antepassados que viviam de caça e pesca. Ele está mais preocupado em vender arcos e flexas para sobreviver: "A gente precisa plantar um pé de feijão e milho, mas não dá porque nesse capinzal a gente planta e não nasce. Perde a semente". Com a instalação do Governo do Estado em Iraí, o chefe Aristides ficou muito satisfeito, porque "aumentou o número de civilizados para vender os objetos e vou falar com o Governador para ver se a gente ganha um pedaço de terra para plantar feijão", o que melhoraria as condições de vida dos 40 índios e evitaria evasões: "Ha pouco tempo, um primo saiu daqui para trabalhar nas colônias para ganhar algum dinheiro".

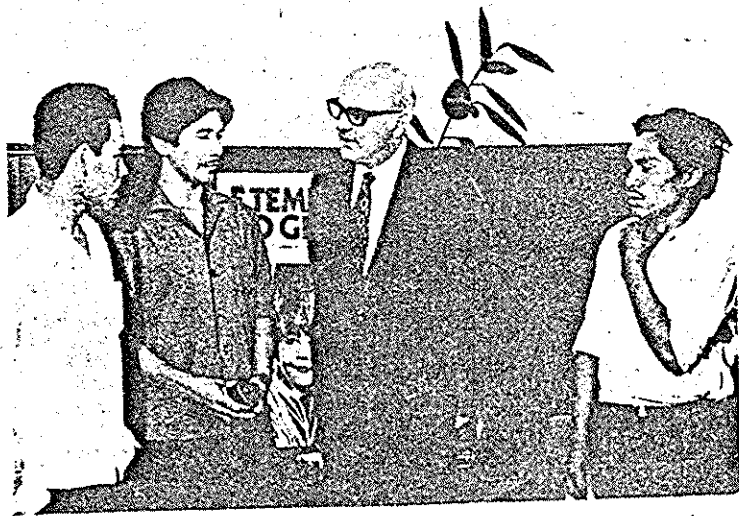
O abandono de todas as tradições e a não integração no grupo dos "civilizados" - ou "portuguêses", como chama Aristides -, marginalizou os índios da tribo dos coroados, que vivem em uma situação miserável e decadente: os pés descalços, roupas sujas e cabanas caindo aos pedaços são comuns na "aldeia", situada as margens do rio Melo, onde as 11 famílias de índios vivem em seis casas. O chefe Aristides, de boné e roupa civilizada, conta que "estou morando aqui há 15 anos e vim para cá porque casei e meu sogro já morava aqui" o chefe não é o morador mais antigo, porque o índio Galvão ou Kiem-bi mora na aldeia há 30 anos, mas como a maioria da tribo ele nasceu em Nonoai. Os outros índios nasceram "no mato" e geralmente se comunicam na "língua coroados" para falar com o chefe, a quem seguem.

A fixação em Iraí nunca foi seriamente planejada pelo chefe Aristides e aconteceu de uma forma inesperada para ele, há 15 anos, "quando vim aqui para passear, namorei uma moça e casei aqui, onde fiquei morando com o meu sogro que morreu no ano passado". O mesmo desejo de deixar as coisas acontecerem ao natural está agora destruindo a raça dos coroados, que precisa andar pelas ruas do centro de Iraí buscando compradores para suas flexas, arcos e bolsas feitas com cipós: as flexas custam Cr\$ 5,00, as sacolas Cr\$ 10,00. Ontem pela manhã, dia de muito movimento o índio Kiem-bi conseguiu realizar a façanha de vender sete arcos com flexas. A satisfação de Kiem-bi ao contar as vendas era visível, talvez porque aos poucos ele vai presenciando a destruição de sua raça e suas façanhas ficam resumidas a eficiência comercial: "Gostamos muito daqui, mas primeiro tinha muitas famílias, depois eles foram embora e nos ficamos no lugar deles".

A tristeza maior de Kiem-bi é ver que aos poucos toda uma cultura está morrendo e que mesmo o chefe Aristides - que não tem "nome de mato", faz uma divisão em índios de cidade, como ele, e do mato, como poucos do acampamento, contribuindo para marginalizar os índios. As 11 famílias chefiadas por Aristides não são nem índios, nem civilizados, apesar da insistência do chefe em se dizer índio e obter a rápida confirmação do subchefe, que o próprio Aristides chama de secretário e atribui o posto militar de "cabo".

As festas tradicionais dos índios foram substituídas por festas cristãs, comemoradas nos "dias de São Sebastião, São João, São Pedro e qualquer santo, quando fazemos uma mesada para as crianças, que comem doces para agradecer aos santos. O cabo Bastião - o Me-Ro, disse que esta na tribo há oito anos e veio para substituir o primo, que preferiu ser colono e abandonou o cargo de secretário do chefe: "Em Nonoai é melhor do que aqui, mas a gente acaba acostumando". Apesar de ter abandonado todas as tradições indígenas e viver do comércio de artesanato, o chefe Aristides sonha em dar mais condições aos seus subordinados e disse que precisa de terra para plantar, "porque agora não posso mais sair daqui, minha filha está estudando no primeiro ano".

A terra que o chefe Aristides acha necessária para plantar milho e feijão foi pedida ao coronel Euclides Triches na manhã de ontem, quando foi recebido em audiência. O Governador prometeu ao chefe e seu secretário - o cabo Me-Ro, que vai estudar o problema. E também prometeu outras coisas que o chefe Aristides não havia pedido: junto com a Prefeitura Municipal de Iraí, o Governo do Estado vai dar cobertura aos índios, construindo palhoças, barcos e tomando a aldeia uma atração turística que ofereça danças típicas. A renda será toda das 11 famílias, o que certamente vai solucionar muitos problemas do chefe Aristides.



Querem terra